

IMAGENS DO INCONSCIENTE ALIANÇAS ENTRE ARTE E TERAPIA

IMAGES OF THE UNCONSCIOUS ALLIANCES BETWEEN ART AND THERAPY

Humberto Vieira *

humbertoterapeuta@gmail.com

Marcus Alexandre de Pádua Cavalcanti **

marcus_nathan1203@hotmail.com

Eliane Cristina Tenório Cavalcanti ***

eliane.cavalcanti@hotmail.com

* Diretor do Instituto Brasileiro de Hipnose Reconstitutiva, Rio de Janeiro, RJ – Brasil

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ – Brasil

*** Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, RJ – Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objetivo descrever a trajetória profissional da psiquiatra alagoana Dra. Nise da Silveira e sua importância para a história da pesquisa na área da saúde mental. Pioneira na luta pela transformação das práticas manicomiais em nosso país, o registro de sua presença vem marcado por uma compreensão teórica que coloca sua ação no centro da mudança social. Nise da Silveira desafiou os códigos dominantes, rompeu com as invisibilidades e os silêncios de tais práticas, trazendo à luz as realidades ancoradas em relações de poder e controle produzidos por discursos conservadores da psiquiatria. Portadora da solidariedade, grande humanista, o trabalho da Dra. Nise apresenta variadas denúncias de injustiça social. Em sua prática ela jamais deixou de lançar uma forte crítica a psiquiatria tradicional, tornando-a assim uma das figuras mais importantes da luta antimanicomial no Brasil.

Palavras Chave: Imagem; Arte; Terapia.

Abstract

This article aims to describe the professional trajectory of the Alagoan psychiatrist Dr. Nise da Silveira and its importance for the history of research in the area of mental health. A pioneer in the struggle for the transformation of the asylum practices in our country, the record of its presence is marked by a theoretical understanding that puts its action at the center of social change. Nise da Silveira challenged the dominant codes, broke with the invisibilities and silences of such practices, bringing to light the realities anchored in power and control relations produced by conservative discourses of psychiatry. Carrier of the solidarity, great humanist, the work of Dr. Nise presents / displays diverse denunciations of social injustice. In her practice she never failed to launch a strong criticism of traditional psychiatry, making her one of the most important figures of the anti-asylum fight in Brazil.

Keywords: Image; Art; Therapy.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo describir la trayectoria profesional de la psiquiatra alagoana Dra. Nise da Silveira y su importancia para la historia de la investigación en el área de la salud mental. Pionera en la lucha por la transformación de las prácticas manicomiales en nuestro país, el registro de su presencia viene marcado por una comprensión teórica que plantea su acción en el centro del cambio social. Nise da Silveira desafió los códigos dominantes, rompió con las invisibilidades y los silencios de tales prácticas, trayendo a la luz las realidades ancladas en relaciones de poder y control producidos por discursos conservadores de la psiquiatría. Portadora de la solidaridad, gran humanista, el trabajo de la Dra. Nise presenta variadas denuncias de injusticia social. En su práctica ella jamás dejó de lanzar una fuerte crítica a la psiquiatría tradicional, convirtiéndola así en una de las figuras más importantes de la lucha antimanicomial en Brasil.

Palabras clave: Imagen, Arte, Terapia.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, a psiquiatria brasileira foi caracterizada por controversos métodos de tratamento, tais como a eletroconvulsoterapia, as neurocirurgias e o coma insulínico. A imagem do indivíduo internado, usando camisa-de-força, submetido à pesada medicação e arrastando-se entre as paredes sombrias de um hospício predominou por muitos anos e ficou enraizada até hoje no imaginário social. Já no decorrer do século XX, no entanto, formas menos excludentes ou agressivas de tratamento colaboraram para a redução do preconceito em torno da loucura. A médica alagoana Nise da Silveira ocupou a linha de frente na crítica a esse modelo assistencial, baseado em confinamento e em intervenções médicas, considerando tais métodos agressivos e incapazes de dar conta da experiência da loucura. Walter Melo (2007), acadêmico da psicologia dedicado ao estudo da trajetória da médica, pertinentemente sublinha que

A lembrança do nome de Nise da Silveira frequentemente vem associada ao pioneirismo na humanização do asilo e nas idéias da reforma psiquiátrica. A ênfase na idéia de pioneirismo sugere uma identidade entre práticas e saberes díspares. É como se os trabalhadores de saúde mental contemporâneos dissessem: O importante trabalho que fazemos atualmente já era feito há muito tempo por Nise da Silveira, mesmo que ela não soubesse disso. Estranha forma de conduzir a história de maneira a - histórica (MELO 2007, p. 110).

É importante reforçar a atemporalidade de Nise da Silveira, tendo em vista que esta psiquiatra contestou práticas do modelo psiquiátrico então vigente, sendo avessa a esse poder médico que enquadrava, controlava e corrigia os modelos desviantes da sociedade. Nise era defensora de um olhar humanista, dando novos contornos e sentidos aos tratamentos e às relações entre médicos e pacientes¹. Segundo Nise da Silveira (1992), na década de 1940 a psiquiatria se fundamentava em práticas de cunho estritamente organicista. O eletrochoque criado por Ugo Cerletti se encontrava no ápice de sua utilização, a lobotomia descoberta por Egas Moniz, que posteriormente ganharia o prêmio Nobel por tal invenção, começava a ser utilizada indiscriminadamente. Ainda no início do século XX, com o advento dos psicofármacos, a intervenção organicista foi intensificada, pois o uso desmesurado de tal recurso acabaria por torná-lo uma camisa-de-força química. Um aspecto fundamental que desejamos ressaltar nesse histórico é que, como nos lembra Foucault², a questão da invalidação social do louco e do uso de tratamentos de caráter repressor, vai muito além do âmbito médico psiquiátrico. O poder psiquiátrico surge entre o início do século XIX, até meados do século XX. É o período de formação das práticas manicomiais, sustentadas na multiplicação dos hospitais psiquiátricos, momento de formação da

¹ Torre e Amarante (2011)

² Foucault (2002)

psicopatologia como disciplina científica, de aprimoramento das técnicas diagnósticas de identificação, nomeação e marcação que objetivam a doença mental, produzindo o louco como doente mental, desviante da boa norma da saúde mental. Nesse momento a loucura está sendo capturada pelo saber-poder médico, colonizada como objeto da psiquiatria – disciplinarizada como campo de saber e objeto de intervenção. Aos poucos foi se criando um padrão de normalidade a ser seguido, sendo os considerados desviantes relegados ao asilo, e, conseqüentemente, anulados socialmente. Desse modo, o hospital foi transformado em *locus* privilegiado para o ensino médico. Esperava-se que daí surgissem as grandes lições – através das doenças e da morte – ao permitir “descrever a história dos males, e ensinar a arte de observar e tratar as doenças” (FOUCAULT, 1977, p. 71). Ao pesquisar sobre a história da loucura, percebe-se uma lacuna no século XX, mais especificamente entre a década de 30 aos anos 70, época em que Nise da Silveira é citada como uma das pioneiras no questionamento sobre as condições de maus tratos na psiquiatria brasileira. Nise propôs “uma reformulação da atitude face a estes doentes e de uma radical mudança nos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos”³. Foi com esse espírito libertário, em plena época do confinamento nas prisões em que eram os Hospitais Psiquiátricos, que Nise da Silveira na década de 1950 preconizou os movimentos de transformação que viriam acontecer muitos anos depois no Brasil e no exterior⁴. A grande questão colocada por Nise em seu trabalho era explicar como os psiquiatras poderiam enquadrar pessoas que vivenciavam experiências psíquicas tão diferentes sobre uma mesma entidade nosológica⁵.

O ENCONTRO COM JUNG

A partir de 1954, Nise da Silveira mantém diálogo através de cartas com Carl Jung, para interpretar alguns desenhos que os pacientes faziam. A correspondência é relatada na fotobiografia *Nise da Silveira – Caminhos de uma Psiquiatra Rebelde*: “Então pedi para que fotografassem algumas mandalas e as enviei com uma carta para C. G. Jung, explicando o que se passava. Foi um dos atos mais ousados da minha vida”. Jung confirmou que aos desenhos fotografados eram mandalas. Ele fez uma série de perguntas e observações. Entre elas, a de que os desenhos possuíam uma regularidade diferenciada para uma produção de esquizofrênicos e que demonstravam forças do inconsciente que buscavam compensar a cisão causada pela esquizofrenia (SILVEIRA, 1981). As mandalas são símbolos com origem remota, que representa o cosmo, a harmonia, a integração, a energia, o divino, a magia,

³ Silveira (1992, p. 18)

⁴ Mello (2009, p. 9).

⁵ A nosologia refere-se à descrição, à ordenação e à classificação das doenças (MELLO, 2009, p. 9).

encontrado em diversas culturas milenares. Como poderia estar presente na expressão do mesmo indivíduo que era considerado embrutecido? A partir dessa constatação, Nise da Silveira percebe a presença mobilizadora do espírito científico e conclui que a configuração de mandala harmoniosa, dentro de um molde rigoroso, denotará intensa mobilização de forças auto-curativas para compensar a desordem interna. Toda a produção de mandalas foi matéria-prima para o reconhecimento de Jung sobre a relação entre inconsciente e vida simbólica, e todas as obras produzidas deram origem ao “Museu de Imagens do Inconsciente”: instituição pioneira fundada por Nise da Silveira para o tratamento dos pacientes em regime de portas abertas, tendo inclusive, Jung inaugurado a exposição “Esquizofrenia em Imagens”, do Museu de Imagens do Inconsciente (SILVEIRA, 1981). Na época, Jung se impressionou com todo aquele material, e explicou a Nise que, como ela já havia percebido lendo suas obras, aquelas eram manifestações do inconsciente coletivo. As mandalas eram reações de compensação do inconsciente que a psicose produz na consciência, uma tentativa de reunificação do ego rompido. A predisposição dos pacientes para reproduzirem imagens iguais ou semelhantes eram tentativas de vencer a ruptura do ego, utilizando um material arcaico de situações já vividas pela humanidade. Jung confirmou à Nise que a linguagem das pinturas, modelagens e desenhos dos psicóticos seriam a dos arquétipos, e que isso poderia ser a ponte para ela entender a psicose (MELLO, 2008). Segundo Jung (1987), a palavra não dá conta das demandas do paciente. Jung confirma o que Nise havia intuído: o tratamento deveria ser pela imagem. Nesse momento há, por parte da pesquisadora, uma escolha a fazer: permanecer em antigos paradigmas ou buscar novas fontes que lhe fornecessem subsídio para a compreensão daquele novo mundo que se apresentava em formas circulares. Se lhe faltava conhecimento, por outro lado, sabia onde buscar.

Neste sentido, Nise da Silveira enfatiza que as imagens funcionavam, primeiramente, como meios de acesso ao mundo interno.

Na condição esquizofrênica o indivíduo está vivendo estados existenciais caracterizados principalmente pela intensa polarização da energia psíquica sobre conteúdos do inconsciente, cisão do curso do pensamento, desligamento do real. Ocorrem conseqüentemente distúrbios na esfera da linguagem proposicional, sintática, instrumento de expressão do pensamento lógico e abstrato agora cindido. Torna-se muito difícil, às vezes impossível, a comunicação com o doente por meio da palavra (SILVEIRA, in FERREIRA, 2008, p. 108).

Em 1957, Nise é convidada por Jung para passar um ano estudando com ele no Instituto Junguiano, na Suíça, além de expor o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente no II Congresso Internacional de Psiquiatria. Na época, Jung já tratava seus pacientes como seres únicos e não via a patologia de maneira isolada, portanto acreditava que o processo de cada paciente também seria único, não existindo uma receita de tratamento para cada doença. Na volta ao Brasil, em 1958, ela criou o

Grupo de Estudos Carl Gustav Jung no Rio de Janeiro, que coordenou até o seu falecimento, em 1999 (MELO, 2005).

Nise, ao assumir o Setor de Terapia Ocupacional cria um ateliê. Utilizando o suporte teórico Junguiano, ela desenvolve um modo de compreensão para a linguagem do inconsciente tornando-se a primeira terapeuta brasileira a usar a criação artística como método terapêutico de exploração do inconsciente. Nas palavras da própria Nise da Silveira⁶.

O atelier de pintura me fez compreender que a principal função das atividades na Terapêutica Ocupacional seria criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam às preocupações com a ressocialização.

Sempre inovadora, ela insere a pintura e a escultura como chances para aquelas pessoas se expressarem. Verdadeiras obras foram produzidas, e Nise mostrou que essas artes eram muito mais do que belos quadros: todas contavam de um modo peculiar a história do inconsciente de cada um. Propor práticas humanas e valorizar a criatividade dos pacientes dentro daquela rígida instituição foi, na prática, fazer revolução.

O ENCONTRO COM A ARTE

Nise da Silveira também buscou bases nas proposições de autores como Artaud e Spinoza⁷, Nise da Silveira sustentou que atividades expressivas como a pintura e a modelagem são capazes de produzir uma eficácia terapêutica, desde que realizadas em um ambiente de afeto e convivência. Na época, Nise da Silveira afirmou que buscou inspiração na noção de intuição de Spinoza (1632-1677) que é uma função perceptiva que apreende os fatos de maneira direta e não de forma derivada, típicas do pensamento racional.

Spinoza (1983) distingue três gêneros de conhecimento, embora possam coexistir em um mesmo ser: (i) imaginação; (ii) razão; e (iii) intuição intelectual. Os gêneros de conhecimento referem-se às

⁶ Silveira (1981, p. 14).

⁷ A visão unitária de Spinoza o faz dar especial atenção ao tema da eternidade e, em consequência, ao da morte. Nise da Silveira (1995) se diz surpreendida quando Spinoza anuncia que passará “àquilo que diz respeito à duração da alma sem relação com o corpo” (SPINOZA, 1983, p. 288). O filósofo “monta o cavalo alazão do terceiro gênero de conhecimento” (SILVEIRA, 1995, p. 105) e fala que, mesmo diante da fragilidade do ser humano diante das inúmeras dificuldades da vida, é possível que algo infinito no modo humano permaneça mesmo após a morte. Se a alma e o corpo encontram-se inextricavelmente unidos e se apenas a substância infinita é tida como eterna, como explicar que Spinoza afirme a permanência de algo de essencial do humano depois do desaparecimento do corpo?

maneiras por meio das quais o homem pode conhecer a si e o mundo. O primeiro deles é o conhecimento formado pela imaginação; o segundo é o conhecimento dado pela razão; e, por fim, o terceiro denominado ciência intuitiva, em que se passa ao conhecimento dos graus de potência ou graus intensivos, e não apenas das causalidades. A Dra. Nise da Silveira em uma das suas cartas a Baruch Spinoza diz o seguinte: “Como eu amo este homem nobre, mais do que posso dizer por palavras. Uma alma irmã”, dizia ela, acariciando Carlinhos, seu último gato de estimação.

Uma das maiores e mais notórias virtudes de Dra. Nise era seu amor pelos animais, em particular pelos felinos. A um deles, chamado Mestre Onça, dedicou um livro e a outros delegou a missão de analisar o caráter das pessoas que a cercavam. Dizia ela: “Os gatos são verdadeiros sábios e sabem como ninguém distinguir quem tem boa ou má índole.” Spinoza vivia com dois gatos. Nise da Silveira encorajava os pacientes esquizofrênicos a conviverem com gatos e cachorros. Ela explorou as funções terapêuticas que os animais podem ter, convivendo com os pacientes para criar relações afetivas e de cuidado, incentivando demonstração de carinho – assim como os gatos da psiquiatria, que sempre estavam por perto. O resultado foi uma admirável promoção de afetividade com os bichinhos. Os pacientes, inicialmente avessos àqueles animais, com a evolução da terapia, aproximavam-se deles, cuidando, afagando, restabelecendo suas energias afetivas. O restabelecimento da afetividade era algo notável na técnica de Nise, que gostava de dizer que “o bicho é o co-terapeuta”.

Outro autor que teve uma imensa influência na obra de Nise da Silveira foi Antonin Artaud. Foi através dele que ela passou a compreender que as imagens criadas por seus pacientes constituem ferramentas privilegiadas para o estudo do inconsciente. Nise da Silveira encontrou na obra de Antonin Artaud o testemunho literal para aquilo que ela observava nas vivências dos internos do Centro Psiquiátrico Pedro II. Antonin Artaud, escritor, ator, dramaturgo, poeta e visionário francês, tradutor de imagens ao mesmo tempo devastadoras e belas, buscavam através do teatro revigorar uma sociedade estagnada, anestesiada por “uma cultura que nunca coincidiu com a vida” (ARTAUD, 2006, p. 1). O encontro da Dra. Nise da Silveira com o trabalho de Artaud possibilitou o início de uma mudança do paradigma psiquiátrico brasileiro, já que, desde os primórdios de sua criação, esta ciência reduziu o “louco” a um mero objeto de estudo, negando a sua subjetividade e acabando por constituí-lo como alteridade radical. Nise, em seu texto sobre Artaud, afirma: “impossível rotular Artaud” (SILVEIRA, 1989, p. 10). Tal impossibilidade provém da audácia do próprio Artaud em desafiar os diagnósticos e rotulações dadas pelos chamados “homens da ciência”.

NISE E AS PRÁTICAS ANTIMANICOMIAIS

A oposição de Nise da Silveira a essas técnicas se deu fundamentalmente a partir da criação de um ateliê terapêutico no Setor de Terapia Ocupacional e Reabilitação do antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, localizado no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Para Nise o uso da arte era uma técnica de textualização das sensibilidades e dos afetos do paciente. O trabalho de Nise da Silveira pode ser considerado a experiência brasileira que serve como referência para as proposições da atual reforma psiquiátrica⁸.

De acordo com Mello (2014) em 1933, foi aprovada em concurso público para o Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental do Hospital da Praia Vermelha, onde atualmente reside o *campus* da UFRJ. Única mulher no quadro de psiquiatras do hospital, ela foi vítima de preconceito devido à sua condição feminina, perseguida por ser militante do PCdoB e integrar a ala médica da União Feminina Brasileira (UFB). Nesse período, marcado pelo regime político do Estado Novo, a médica foi denunciada por uma enfermeira devido à posse de alguns livros de Marx, levando-a ao encarceramento no presídio Frei Caneca – onde permaneceu detida durante dezoito meses, ao lado de Olga Benário, viria a tornar-se personagem de Graciliano Ramos, que a cita em seu livro *Memórias do Cárcere*:

Lamentei ver a minha contrêrrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-se culta e boa. Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se a tomar espaço.

Mesmo diante de sua libertação, em 1936, Nise foi afastada do serviço público, passando a viver sob ameaça de nova prisão. No ano de 1944 ela retoma suas atividades hospitalares – dessa vez no hospício do Engenho de Dentro, para o qual boa parte dos internos da Praia Vermelha haviam sido transferidos, por conta de superlotação. Nesse momento, a psiquiatra alagoana se deparava com uma psiquiatria extremamente organicista, caracterizada pelo intenso uso de métodos como a eletroconvulsoterapia⁹.

Em um livro organizado por Ferreira Gullar (1996), encontra-se o relato de um caso em que a médica se recusa a utilizar a técnica conhecida como eletrochoque.

Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Quando o outro paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: - Aperte o botão. Eu

⁸ Mello (2005)

⁹ Mello (2014)

respondi:- Não aperto! Aí começou a rebelde (SILVEIRA APUD GULLAR 1996, p. 46).

Nise¹⁰ se opunha de forma ferrenha ao tratamento da época, que incluía choque elétrico, camisa de força e isolamento. Nessa perspectiva, esta psiquiatra orientou uma diferenciada e ousada, para a época, proposta de tratamento em saúde mental. Nise passou a usar a arte pictórica, a escultura e a modelagem como formas de se reconhecer o inconsciente de esquizofrênicos. Ela buscava associações entre as figuras produzidas por eles e acontecimentos que marcaram a trajetória e o cotidiano dessas pessoas. Em 1946, conhecia o artista Almir Mavignier, então funcionário burocrático do hospital do Engenho de Dentro, com quem tomava a decisão de inaugurar um ateliê terapêutico no Setor de Terapia Ocupacional. Até então, as atividades ocupacionais oferecidas por esse âmbito do hospício limitavam-se a trabalhos braçais e serviços de limpeza. Com a chegada de Nise ao setor, música, teatro, jardinagem, encadernação, entre outras, tornaram-se opções. Foram a pintura e a modelagem, entretanto, as atividades que mais se destacaram. Ao entregar pincel, tinta e barro para pacientes vivendo em condições degradantes, típicas de um hospital funcionando no modelo institucional, a médica dava cabo a um projeto até então inédito na história da saúde mental brasileira. Ancorada nas proposições de Carl Gustav Jung, Nise da Silveira acreditava que a expressão imagética seria a ferramenta privilegiada de acesso ao que chamava de mundo interno daquelas pessoas, então diagnosticadas, em sua maioria, como esquizofrênicas. Mais que isso, o próprio ato de pintar ou modelar seria possuidor de uma eficácia terapêutica, promovendo uma reorganização psíquica¹¹. Nesse sentido, afastava-se tanto do modelo fisicalista de intervenção médica quanto da lógica institucional responsável pela supressão das individualidades no ambiente manicomial (MELO, 2009).

No ano de 1952, no Rio de Janeiro, Nise fundou, dentro do complexo psiquiátrico do Engenho de Dentro, local onde trabalhava, o Museu de Imagens do Inconsciente¹². Com isso, os artistas/pacientes passaram de uma forma menos marginalizada, a ter contato com o mundo exterior. Ela buscava associações entre as figuras produzidas por eles e acontecimentos que marcaram a trajetória e o cotidiano dessas pessoas. Além disso, o público tomou conhecimento das obras produzidas pelos internos. A estadia de Nise no hospital psiquiátrico Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, tornou essa psiquiatra uma das figuras mais importantes da luta antimanicomial do Brasil¹³.

¹⁰ Goffman (2010)

¹¹ Silveira (1981)

¹² O Museu das Imagens do Inconsciente foi inaugurado em 20 de maio de 1952, está localizado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (antigo Centro Psiquiátrico Pedro II), bairro Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Atualmente, seu acervo é composto por mais de 300 mil obras de arte, realiza exposições na sede e mostras itinerantes no Brasil e exterior, além de continuar com os trabalhos no atelier de pintura/modelagem e o grupo de estudos (SILVEIRA, 2015).

¹³ Rauter (2006)

O TRABALHO DE NISE DA SILVEIRA

A partir de então, suas obras ganharam projeção em museus, galerias e congressos de psiquiatria, chamando a atenção de artistas, curadores e intelectuais engajados no debate sobre seu valor estético e científico. As redes do projeto médico-científico de Nise da Silveira estenderam-se até o continente europeu, sobretudo nas cidades de Paris e Zurique, onde a médica apresentou trabalhos, realizou estágios, montou exposições e fundou sociedades científicas.

Em *Imagens do Inconsciente*, seu clássico e mais importante livro, a médica descreve o encontro das ciências com a psiquiatria como característica de seu tempo, entendendo que entre os crescentes esforços de retirar a loucura do modelo médico, paira a ideia de que a mesma ocorre entre os homens, ou seja, em sociedade. No entanto, ela não deixa de lançar uma crítica para aqueles que atentam para os temas sociais sem levar em consideração o *mundo interno*, em referência, sobretudo à antipsiquiatria. A tensão entre o *mundo interno* e o *mundo externo* torna-se, assim, estruturais para seu pensamento (MELO, 2009).

Em seu livro “Imagens do Inconsciente”, Nise da Silveira¹⁴ afirma

Meu trabalho não se inspirou na psiquiatria atualmente predominante, caracterizada pela escassa atenção que concede aos fenômenos intrapsíquicos. Ao contrário, meu interesse maior desde cedo se dirigiu no sentido de penetrar, pouco que fosse, no mundo interno do esquizofrênico.

Nise compreendeu que por meio das expressões das emoções conseguiria chegar ao mundo interno da pessoa. A incessante produção pictórica do ateliê do Engenho de Dentro chamou a atenção de importantes artistas e críticos de arte brasileiros, circulando por museus e galerias do Rio de Janeiro e São Paulo por volta da década de 1950. As redes do projeto médico - científico de Nise da Silveira estenderam-se até o continente europeu, sobretudo nas cidades de Paris e Zurique, onde a médica apresentou trabalhos, realizou estágios, montou exposições e fundou sociedades científicas. Um fulgurante debate se estabeleceu em torno do estatuto artístico daquelas obras (REINHEIMER 2008). Já no campo da psiquiatria, a repercussão da proposta de Nise da Silveira foi gravemente silenciada, o que indica tanto a hegemonia do fisicalismo na psiquiatria brasileira de então quanto a incipiência do campo psicológico, que viria começar a se estabelecer somente naquela mesma década, ganhando maior visibilidade por volta de 1970.

A instituição propôs-se a abrigar e expor o amplo acervo constituído pelas obras dos pacientes do hospital, bem como a sustentar um centro de estudos multidisciplinar, destinado a refletir sobre o

¹⁴ Silveira (1981, p. 11).

processo criativo e a produzir interpretações sobre os objetos criados em sua matriz. Hoje, mais de sessenta anos depois, seu ateliê terapêutico continua em pleno funcionamento, e a coleção conta aproximadamente com 350.000 obras, constituindo um dos maiores museus psiquiátricos do mundo (MELLO 2014). Reserva técnica, clínica assistencial e centro de estudos constituem os três setores basilares do lugar, operando atualmente a todo vapor. Como certa vez afirmou o crítico de arte Mario Pedrosa, a instituição é mais do que um museu, pois se prolonga de interior adentro até dar num ateliê onde artista em potencial trabalham, fazem coisas, criam, vivem e convivem. Eis a razão pela qual o lugar tem sido chamado de museu vivo por parte daqueles que o frequentam, gestam e contribuem para sua sobrevivência. Diante das transformações notáveis na medicina psiquiátrica desde meados do século XX, a proposta terapêutica de Nise da Silveira permanece pulsante no ateliê do Engenho de Dentro. É dali mesmo que surgem incessantemente os objetos que virão a compor suas exposições (MELLO, 2014).

Aos 94 anos, no dia 30 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro, faleceu a renomada Nise da Silveira, uma mulher brasileira que sempre esteve muitos anos luz à frente do seu tempo. Sua atividade intelectual foi incessante, incluindo escrita de obras acadêmicas, produção de filmes, curadoria de exposições e manutenção de um famoso grupo de estudos aberto ao público realizado em sua própria residência. Hoje, seu nome é ainda alvo das mais diversas evocações, consubstanciadas em exposições artísticas e manifestações políticas e culturais, sobretudo aquelas constituídas em torno do movimento pela reforma psiquiátrica brasileira. A morte da psiquiatra não terminou com as interferências e propagações que seu vasto trabalho pode proporcionar. Além do mais, nos fornece um rico material para questões ligadas, de maneira clássica, aos campos teológico e filosófico. Nise da Silveira, nas palavras de Frei Betto, “nos ensina a descobrir por trás de cada louco, um artista; por trás de cada artista, um ser humano com fome de beleza, sede de transcendência”¹⁵.

Nise da Silveira queria que as pessoas aprendessem a morrer. A última carta termina com a frase agora e sempre, prenúncio de um encontro. Trata-se de uma preparação para a morte: "Estou muito doente, abandonada e tentando fazer amizade com a morte. Não é tão difícil"¹⁶. Em seus últimos dias de vida, Nise da Silveira permaneceu sempre lúcida e, em seu fôlego de sete gatos, mergulhou naquilo que Spinoza, seu amigo, denominou de Substância Infinita. Hoje, seu nome é ainda alvo das mais diversas evocações, consubstanciadas em exposições artísticas e manifestações políticas e culturais, sobretudo aquelas constituídas em torno do movimento pela reforma psiquiátrica brasileira.

¹⁵ Betto (2001, p. 101).

¹⁶ Silveira apud Lucchesi (2003, p. 113).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa época dominada pelas práticas controle manicomial, Nise da Silveira desafiou os padrões psiquiátricos e sociais impostos, sendo alvo de perseguições vindas de seus próprios colegas, que não mediram esforços para prejudicá-la quando suas práticas começavam a dar resultados. Porém, engajada e entusiasmada com os métodos que produziu, ela lutou contra o preconceito e a discriminação social e profissional, principalmente na área médica, onde o predomínio era eminentemente masculino. Nise da Silveira simplesmente enxergou e tratou seus pacientes visando o bem e a preservação da saúde de cada um deles, como seres humanos que mereciam respeito e dignidade. A força e o cuidado de Nise nos permitem visualizar a capacidade transformadora das terapias que buscam na arte uma saída. Nise foi uma mulher que se empenhou na defesa ativa das conquistas sociais e contra qualquer retrocesso, apostando na arte, na cultura, e principalmente, no poder transformador dos afetos e das afetações.

Referências

- AMARANTE, P.; TORRE, E. H. G., **Medicalização e determinação social dos transtornos mentais: a questão da indústria de medicamentos na produção de saber e políticas**. In: NOGUEIRA, R. P. Determinação Social da Saúde e Reforma Sanitária. Rio de Janeiro: CEBES, 2011, 151-160.
- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BETTO, F. **Fome de beleza, sede de transcendência**. Quaternio, nº 8, 101, 2001.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.
- FREUD/JUNG. **Correspondência**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GULLAR, F. **Nise da Silveira, Coleção Perfis do Rio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MELO, Walter. **Ninguém vai Sozinho ao Paraíso: o percurso de Nise da Silveira na psiquiatria do Brasil**. Tese, Pós-graduação em Psicologia Social, IP/UERJ, 2005.
- MELLO, L. C. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.
- MELO, W. **Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira**. *Psicol.* São Paulo: USP, v. 18, n. 1, p. 101-124, mar. 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 02 maio de 2017.
- RAUTER, Cristina. “Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas”. In: AMARANTE, Paulo (org.). **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 267-277.
- REINHEIMER, Patrícia. **O território da arte: da nação ao indivíduo, valores antagônicos na afirmação da autonomia da forma**. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 15-41, jan./jun. 2008.
- SANDER, Jardel. A caixa de ferramentas de Michel Foucault, a reforma psiquiátrica e os desafios contemporâneos. *Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte*, v. 22, n. 2, p. 382-387, 2010.
- SILVEIRA, Nise da. **O mundo das Imagens**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

_____. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Ed. Alhambra, 1981.

_____. **A esquizofrenia em imagens**. In: Ferreira, Martha Pires. (Org.). *Senhora das Imagens Internas: escritos dispersos de Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

_____. **Um homem em busca do seu mito**. In: Artaud: a nostalgia do mais. Marco Lucchesi (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Numen, 1989.

_____. **Casa das Palmeiras**. Rio de Janeiro: Ed. Alhambra, 1986.

_____. **Cartas à Spinoza**. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1995.

_____, **N.9 Artistas de Engenho de Dentro**. Disponível em: <<http://www.museudasimaensdoinconsciente.com.br>>. Acesso em 3 maio. 2015.

SILVEIRA, N.O Museu Vivo de Engenho de Dentro. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/o_museu_vivo/index.htm> Acesso em 3 jun. 2015.

SPINOZA, B. Ética. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TORRE, Eduardo Henrique Guimarães; AMARANTE, Paulo. Michel Foucault e a “História da Loucura”: 50 Anos Transformando a História da Psiquiatria . **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, V. 3, n. 6, p. 41-64, 2011.

Recebido em: 25/10/2017

Aceito em: 13/11/2017

Endereço para correspondência:

Nome: Humberto Vieira

Email: humbertoterapeuta@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).